



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

Jerico nas ruas de Roma

Segunda-feira, 17 de Novembro de 2014

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 47 de 20 de Novembro de 2014

O cristão está chamado a reconhecer o Senhor nos marginalizados — e há muitos deles também ao redor do Vaticano — sem ter o ar de quem se sente «privilegiado» porque inserido num «pequeno grupo de eleitos» e naquele «microclima eclesial» que na realidade afasta da Igreja o povo de Deus e as várias periferias. «Este trecho do Evangelho — observou Francisco referindo-se à leitura de Lucas (18, 35-43) proposta pela liturgia — começa com um não ver, um cego, e acaba com um ver: “Presenciando isto, todo o povo deu glória a Deus”». Existem, explicou, «três classes de pessoas neste trecho: o cego; os que estavam com Jesus; e o povo».

O cego, por causa da «doença que o tinha privado da vista, não via, mendigava» e «talvez, com muita frequência se sentiu amargurado» e perguntava-se: «Porque aconteceu comigo?». Em síntese, era um homem que «não encontrava um solução, um marginalizado». O «cego sentado na berma da estrada» portanto é «como muitos marginalizados aqui na praça Pio XII, em “via Ottaviano”, na praça». Aquele homem era «um homem que encontrava nesta estrada um modo de viver: um mendigo, um marginalizado, um cego». Contudo, «quando ouviu que precisamente Jesus vinha ali, gritou». E «quando queriam que se calasse, gritava ainda mais forte». Qual é a razão da sua atitude? O Papa explicou da seguinte forma: «Este homem desejava a salvação, queria ser curado». A ponto que, lê-se no Evangelho, «Jesus diz que ele tinha fé». Com efeito, o cego apostou e venceu mesmo se é difícil apostar quando uma pessoa está tão «em baixo», tão marginalizada. Contudo, ele bateu «à porta do coração de Jesus».

A «segunda classe de pessoas» que encontramos no trecho evangélico de Lucas é composta por «aqueles que caminhavam com o Senhor». São «os discípulos, também os apóstolos, que seguiam o Senhor». Eram também «os convertidos, os que aceitavam o reino de Deus» e «estavam contentes com esta salvação». Porém, precisamente eles «repreendiam o cego para que ficasse calado» e deste modo «afastavam o Senhor de uma periferia». Infelizmente, reconheceu o Pontífice, «isto acontece com muita frequência entre nós crentes: quando encontramos o Senhor, sem nos darmos conta, cria-se este microclima eclesiástico». E é uma atitude que têm não só «os sacerdotes, os bispos» mas também «os fiéis». E «de tanto olhar para o Senhor» acabamos por «não considerar as necessidades do Senhor; não olhamos para o Senhor que tem fome, sede, que está na prisão, no hospital».

O problema, explicou o Papa, é que «estas pessoas que estavam com Jesus tinham esquecido os momentos maus da própria marginalização; tinham esquecido o momento em que Jesus os tinha chamado, e de onde». Assim diziam: «Agora somos eleitos, estamos com o Senhor». E com este «pequeno mundo eram felizes» mas «não deixavam que as pessoas perturbassem o Senhor». A ponto que «não deixavam nem sequer que as crianças se aproximassem». Eram pessoas que «tinham esquecido o caminho que o Senhor fizera com eles, o caminho de conversão, de chamada, de cura».

Trata-se de uma realidade que — recordou o Pontífice referindo-se ao trecho do Apocalipse (1, 1-5; 2, 1-5) — «o apóstolo João diz com uma frase muito bonita que ouvimos na primeira leitura: tinham esquecido; tinham abandonado o seu primeiro amor». E este «é um sinal: quando na Igreja os fiéis, os ministros, se tornam um grupo deste tipo, não eclesial mas eclesiástico, de privilégio de proximidade ao Senhor, têm a tentação de esquecer o seu primeiro amor», ou seja, esquecer também as periferias, «onde eu estava antes, mesmo se disso me envergonho». É uma atitude que pode ser sintetizada na expressão: «Senhor este cheira mal, não o deixes vir ter contigo». Mas a resposta do Senhor é clara: «Porventura tu também não cheiravas mal quando te beijei?».

Diante «desta tentação dos pequenos grupos de eleitos», que se verifica em todas as épocas, a atitude de «Jesus, na Igreja, na história da Igreja», é a que Lucas descreve: «parou». É «uma graça quando Jesus pára e diz: olhem lá, tragam-no a mim», assim fez com o cego de Jericó. Com efeito «quando Deus pára, fá-lo sempre com misericórdia e justiça, mas também, por vezes, fá-lo com ira» especificou Francisco referindo-se a quando o Senhor «se deteve com aquela classe dirigente», definindo-a «geração perversa e adúltera». E voltando ao episódio do cego de Jericó, o Pontífice sublinhou que Jesus o fez aproximar e o curou, reconhecendo que tinha fé: «A tua fé te salvou».

O «terceiro grupo» que Lucas apresenta é «o povo simples que necessita destes sinais de salvação». É «o povo fiel que sabe seguir o Senhor sem pedir privilégio algum». Eis então, resumindo, as três classes de pessoa que nos interpelam directamente: «O marginalizado; os

privilegiados, os que foram eleitos e que neste momento estavam na tentação; e o povo fiel que segue o Senhor para o louvar porque é bom e também para lhe pedir saúde e muita graça».

Esta reflexão, sugeriu o Papa, deve-nos levar a pensar «na nossa Igreja que está sentada à beira da estrada de Jericó». Porque «na Bíblia, Jericó, segundo os padres, é símbolo de pecado». Portanto, exortou, «pensemos na Igreja que vê passar Jesus, nesta Igreja marginalizada», «nestes crentes, que pecaram tanto e não desejam levantar-se, porque não têm a força para recomeçar». E também na «Igreja das crianças, dos doentes, dos encarcerados, na Igreja das pessoas simples», pedindo «ao Senhor para que todos nós, que temos a graça de ser chamados, nunca, nunca nos afastemos desta Igreja. Nunca entremos neste microclima dos discípulos eclesiais privilegiados que se afastam da Igreja de Deus que sofre, que pede a salvação, a fé, a palavra de Deus». Enfim, concluiu o Papa, «peçamos a graça de ser povo fiel de Deus, sem pedir ao Senhor privilégio algum que nos afaste do povo de Deus».